

The background of the book cover is a complex geometric pattern. It features a grid of light blue lines on a white background. Overlaid on this grid are various shapes in shades of green and yellow, including triangles, hexagons, and larger irregular polygons. The colors range from light lime green to dark forest green. A central white rectangular area is framed by a double-line border, with the inner line being dark grey and the outer line being white. Inside this frame, the title 'Livro de Poemas' is written in a simple, black, sans-serif font.

# Livro de Poemas

# Era Colonial

## Quinhentismo:

Poema de José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas  
encostado? - Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino  
mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como  
estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E de  
graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois  
que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que  
vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu, Em  
que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó  
menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem  
vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te  
dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

## **Barroco:**

Poema de Gregório de Matos

Senhora Dona Bahia

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna, e é que, quem o dinheiro nos arranca, nos arranca as mãos, a língua, os olhos." "Esta mãe universal, esta célebre Bahia, que a seus peitos toma, e cria, os que enjeita Portugal" "Cansado de vos pregar cultíssimas profecias, quero das culteranias hoje o hábito enforcar: de que serve arrebentar por quem de mim não tem mágoa? verdades direi como água porque todos entendais, os ladinos e os boçais, a Musa praguejadora. Entendeis-me agora?"

## Arcadismo:

Poema de Cláudio Manuel da Costa

XCVIII

Destes penhascos fez a natureza O berço em que  
nasci: oh! quem cuidara Que entre penhas tão duras  
se criara Uma alma terna, um peito sem dureza!  
Amor, que vence os tigres, por empresa Tomou logo  
render-me; ele declara Contra o meu coração guerra  
tão rara, Que não me foi bastante a fortaleza. Por  
mais que eu mesmo conhecesse o dano, A que dava  
ocasião minha brandura, Nunca pude fugir ao cego  
engano: Vós, que ostentais a condição mais dura,  
Temei, penhas, temeis, que Amor tirano, Onde há  
mais resistência, mais se apura.

# Era Nacional

## Romantismo:

Poema de Gonçalves Dias

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer eu encontro lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar –sozinho, à noite– Mais prazer eu encontro lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.

## **Realismo:**

Poema de Machado de Assis

A Carolina

Querida! Ao pé do leito derradeiro, em que descansas desta longa vida, aqui venho e virei, pobre querida, trazer-te o coração de companheiro. Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro que, a despeito de toda a humana lida, fez a nossa existência apetecida e num recanto pôs um mundo inteiro... Trago-te flores - restos arrancados da terra que nos viu passar unidos e ora mortos nos deixa e separados; que eu, se tenho, nos olhos mal feridos, pensamentos de vida formulados, são pensamentos idos e vividos.

## **Naturalismo:**

Poema de Aluísio Azevedo

Pobre amor

Calcula, minha amiga, que tortura! Amo-te muito e muito, e, todavia, Preferira morrer a ver-te um dia Merecer o labéu de esposa impura! Que te não entorneça esta loucura, Que te não mova nunca esta agonia, Que eu muito sofrá porque és casta e pura, Que, se o não foras, quanto eu sofreria! Ah! Quanto eu sofreria se alegrasses Com teus beijos de amor, meus lábios tristes, Com teus beijos de amor, as minhas faces! Persiste na moral em que persistes. Ah! Quanto eu sofreria se pecasses, Mas quanto sofro mais porque resistes!

## **Parnasianismo:**

Poema de Olavo Bilac

Língua Portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela, És, a um tempo,  
esplendor e sepultura; Ouro nativo, que, na ganga  
impura, A bruta mina entre os cascalhos vela... Amo-  
te assim, desconhecida e obscura, Tuba de alto  
clangor, lira singela, Que tens o trom e o silvo da  
procela, E o arrollo da saudade e da ternura! Amo o teu  
viço agreste e o teu aroma De virgens selvas e de  
oceanos largos! Amo-te, ó rude e doloroso idioma, Em  
que da voz materna ouvi: "meu filho!" E em que  
Camões chorou, no exílio amargo, O gênio sem  
ventura e o amor sem brilho! (Tarde, 1919.)

## **Simbolismo:**

Poema de Augusto dos Anjos

Versos Íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua  
última quimera. Somente a Ingratidão – esta pantera  
– Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à  
lama que te espera! O Homem, que, nesta terra  
miserável, Mora entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo.  
Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do  
escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se  
a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa  
mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

## **Pré-Modernismo:**

Poema de Rodrigues de Abreu

A Montanha

Muda, cheia de sombra e de mistério e de vida interior, guarda sombria tristeza, adormecendo-a todo o dia, ampla e calada, como um cemitério... Rica no tronco, no seu vasto império incontentada, oprime-a a nostalgia desse país azul, ao qual envia torres de pedra e hinos de saltério. E muda, o espaço amando unicamente, esquece-se da vida que em pletora vive em seu ser... Passa tal qual a gente, buscando, sempre heróica amplos espaços também a gente, na ânsia que apavora, aos céus estende, em súplicas, os braços... Aos Poetas

## **Modernismo:**

Poema de Mário de Andrade

Moça linda bem tratada

Moça linda bem tratada, Três séculos de família,  
Burra como uma porta: Um amor. Grã-fino do  
despudor, Esporte, ignorância e sexo, Burro como  
uma porta: Um coió. Mulher gordaça, filó, De ouro por  
todos os poros Burra como uma porta: Paciência...  
Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto  
Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.

## **Pós-Modernismo:**

Poema de Manuel Bandeira

A Estrela

Vi uma estrela tão alta, Vi uma estrela tão fria! Vi uma  
estrela luzindo Na minha vida vazia. Era uma estrela  
tão alta! Era uma estrela tão fria! Era uma estrela  
sozinha Luzindo no fim do dia. Por que da sua  
distância Para a minha companhia Não baixava aquela  
estrela? Por que tão alto luzia? E ouvi-a na sombra  
funda Responder que assim fazia Para dar uma  
esperança Mais triste ao fim do meu dia.